

PERSONIMAGEM

Benedito Nunes  
(Univ. Federal do Pará)

Embrenhei-me cedo no labirinto poético de Fernando Pessoa, "um quarto com inumeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas"<sup>1</sup>. E talvez querendo esconjurар o deslumbramento provocado por estes múltiplos espelhos, tentei uma redução à filosofia de tal realidade proteiforme: Fernando Pessoa era um poeta metafísico de novo tipo, a construir idéias e sentimentos que tomaram a forma de visões do mundo, cada qual representativa de um modo de sentir, de querer e de pensar. Não explicava com isso as reflexões falsas; apenas normalizava-as, ao preço de eliminar da cena heteronímica as suas tensões dramáticas, a sua ironia, o seu humor.

Não fui, entretanto, enganado pela "máscara" dos personagens-autores fictícios, sobretudo pela de Caetano como poeta idílico imbuído à Natureza, graças à leitura dos Sonetos Ingleses, escritos provavelmente por volta de 1913. Se em inglês Fernando Pessoa os escreveu como em inglês escreveu de suas notas autoconfessionais, o que encobriria esse disfarce linguístico? Uma voz que não é nem a de Caetano nem a de Ricardo Reis nem a de Campos - uma voz anônima, sentenciosa, que parece usar, de outra maneira, a inflexão do Pessoa ortônimo, substituindo o Eu por Nós, o meu por nosso:

Seja falar, escrever, olhar sequer,  
Sempre inaparentes somos. Nosso ente  
Não pode, verbo ou livro, em si conter.  
A alma nos fica longe infidante.  
Pensamentos que dermos ou quisermos  
Ser alma nossa em gestos revelada  
Coração cerrado fica o que tivermos,  
De nós mesmos é sempre ignorada.  
Abismos de alma a alma intransponíveis  
Por bem pensar ou manha de o parecer.  
Ao mais fundo de nós irredutíveis

Quando ao pensar o ser queremos dizer,  
Somos de nós, as almas lucilantes,  
E dura pra outros sonhos doutros antes.<sup>2</sup>

Como num bloco hermético, inscrevem-se nesse Soneto alguns dos principais temas obsessivos de Fernando Pessoa, que também encontramos nos poemas ortônimos. O pensamento é o que está mais próximo de alma, e é o pensamento que dela nos distancia. A distância infinita entre nós e a nossa alma só faz aumentar quando nos voltamos para nós mesmos e queremos exprimir o que propriamente somos. Essa distância do sujeito em relação a si duplica-se pela separação inter-subjetiva:

Abismos de alma a alma intransponíveis  
Por bem pensar ou manha de o parecer.  
Enredamo-nos na aparência do que somos, e nada mais somos do que  
Sonhos de nós, as almas lucilantes  
E duns pra outros sonhos doutros antes

No soneto VIII realidade e aparência se revezam, mutuamente remissivas e coincidentes, máscaras sob máscaras, sem fim, até o fundo da alma, que também se mascara:

Ah, quantas máscaras e submáscaras  
Usamos nós no rosto da alma e quando,  
Por jogo apenas, ela tira a máscara,  
Sabe que a última tirou enfim?<sup>3</sup>

Tirar a máscara, jogo apenas, produz reflexos no espelho da mente, segundo enuncia o soneto XXVI - imagens do refletente jamais refletido em sua verdadeira natureza:

Das coisas um só lado é quando o espelho sabe,  
E o sabe congelado em solidez perdida.<sup>4</sup>

Distanciamento do sujeito em relação a si mesmo e aos outros, revezamento de realidade e aparência, jogo de reflexos inter-subjetivos, não seriam também esses temas, inculcados no idioma adotivo do poeta, que aí funcionaria como linguagem de encobrimento, o subsolo da própria formação heteronímica, que esses Sonetos antecederam, e que por ela foi recalçado e transformado?

Atente-se para a ficção-Caetano, com o seu impositivo realismo sensualista e fenomenista, propondo-nos, em versos de caráter didático, marcadamente tautológicos, uma volta ao sensível:

O que nós veros das coisas são as coisas.  
Porque veríamos nós uma coisa se houvesse outra?  
Porque é que ver e ouvir seria iludirmo-nos  
Se ver e ouvir são ver e ouvir?

O essencial é saber ver,  
Saber ver sem estar a pensar,  
Saber ver quando se vê  
E nem pensar quando se vê  
Nem ver quando se pensa.<sup>5</sup>

Uma "aprendizagem de desaprender", que parece exteriorizar o interior, completa essa didática da sensibilidade:

Sou um guardador de revalhos.  
O rebanho é os meus pensamentos  
E os meus pensamentos são todos sensações.  
Penso com os olhos e com os ouvidos  
E com as mãos e os pés  
E com o nariz e a boca.<sup>6</sup>

Os pensamentos desfilar, passando de dentro para fora, serelhantes às coisas sem significação:

Para mim, graças a ter olhos só para ver,  
Eu vejo ausência de significação em todas as coisas;  
Vejo-o e amo-o, porque ser uma coisa é não significar nada.  
Ser uma coisa é não ser susceptível de interpretação.<sup>7</sup>

Ao contrário do retorno ingênuo - retorno fenomenológico, já houve quem dissesse, a uma experiência originária, de visão direta, sensível à parte das significações mediadoras, como que nos acenaria - a poesia de Alberto Caetano é bem um projeto hiperbólico de coisificação de consciência, de corporalização do sentido ("Penso e escrevo como as coisas têm cor")<sup>8</sup>, a alma feita corpo, e o corpo, realidade exterior:

Seja o que for que esteja no centro do Mundo.  
Deu-me o mundo exterior por exemplo de Realidade,  
E quando digo "isto é real", mesmo de um sentimento,  
Vejo-o sem querer em um espaço qualquer exterior,  
Vejo-o com uma visão qualquer fora e alheio a mim.  
Ser real quer dizer não estar dentro de mim.<sup>9</sup>

À mesma época em que corecei a descortinar o perfil truncado do ideário de Caeiro, o verso de Ricardo Reis, talhado numa teoria neo-clássica a igual distância dos excessos da arte poética moderna e do equilíbrio buscado no culto da tradição, pareceu-me exprimir alta forma de ironia trágica, concebida como o domínio do Fado onipotente, de encontro ao qual esse heterônimo, discípulo e biógrafo do primeiro, tentou, aparentando indiferença superior ao ilusório e ao passageiro, tomados como espetáculo do mundo que os deuses regem, exorcizar o mal-estar da consciência diante do tempo e da morte:

Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo,  
E ao beber nem recorda  
Que já bebeu na vida,  
Para quem tudo é novo  
E irarcescível sempre.

Coroem-no pâmpanos, ou heras, ou rosas volúteis,  
Ele sabe que a vida  
Passa por ele e tanto  
Corta à flor como a ele  
Da Átropos a tesoura.

E ele espera, contente quase e bebendo tranqüilo,  
E apenas desejando  
Num desejo mal tido  
Que a abominável onda  
O não molhe tão cedo.<sup>10</sup>

Pude ver afinal, em Álvaro de Campos<sup>11</sup>, com o seu verso gestual, instrumento de auto-agressão, além de um poeta da crise do lirismo, o reversor da grande tradição introspectiva do mundo Ocidental moderno. Nele já é a náusea que se apossa da consciência:

Trouxe comigo a espinha dorsal de ser consciente  
A vaga náusea, a doença incerta de me sentir.  
(Villegiatura)

A unidade postiça do Eu, máscara sobreposta a máscara, rebenta na vertiginosa revisitação da infância perdida em Lisbon Revisited:

Eu? Mas sou eu o mesmo que aqui vivi, e aqui voltei,

E aqui tornei a voltar, e a voltar,  
E aqui de novo tornei a voltar?

Ou soros todos os Eu que estive aqui ou estiveram,  
Uma série de contas-entes ligadas por um fio-memória,  
Uma série de sonhos de mim de alguém fora de mim?

A resposta sibilina à possibilidade desses múltiplos encontra-se no vi-ver fingindo do Pessoa ortônimo:

Ser um é cadeia  
Ser eu é não ser  
Viverei fingindo  
Mas vivo a valer<sup>12</sup>

Quando, pois, Fernando Pessoa escreveu que "fingir é conhecer-se"<sup>13</sup>, expressava a ironia trágica de uma dissimulação assente como autognose anti-socrática e anti-cartesiana, a que o exercício mesmo da poesia expõe o poeta. Na escrita poética, "palavra ou livro" para o primeiro dos 35 Sonetos em inglês, o sujeito revela-se ao ocultar-se e desdobra-se ao revelar-se.

Como, diante disso, poderia servir a redução filosófica do criador dos heterônimos a um demiurgo de visões do mundo, para a compreensão de sua poesia? Não estaria na própria concepção filosófica de Fernando Pessoa, que se dissera poeta "impulsionado pela Filosofia", a chave dessa compreensão? Mas onde encontrá-la? Talvez nos volumes póstumos dos Textos Filosóficos<sup>14</sup>, que me pus a explorar, sem esquecer os escritos similares que não ingressaram nessa coletânea.

Também aí encontrei-me dentro de um labirinto, sem fio condutor para guiar-me, intérprete desnortheastado em meio a notas de leitura, pequenos comentários aos pré-socráticos, a Platão, a Aristóteles, a filósofos modernos - Kant principalmente - em meio a planos de estudo, projetos de obras filosóficas a redigir, reflexões, fragmentos e páginas doutrinárias. Era todo um acervo de peças heterogêneas, muitas das quais de data incerta, a maioria oriunda do período de 1906-1910, e algumas, de autores pseudo ou heteronímicos, assinadas por Antonio Mora, Rafael Baldaia e Pero Botelho.

O tratamento dado aos dois temas - o Ser e a Consciência - que sobrepujam os demais nesses testerunhos de um corpo a corpo com a Filosofia, mostram-nos que o pensador incipiente seguiu todos os caminhos do Idealismo germânico. Ora a propensão dele é para o idealismo subjetivo, quando admite em certas passagens o primado do sujeito enquanto espírito, ora para o idealismo objetivo, quando adota noutras o primado da Realidade, que é mais do que consciência e mundo exterior, ora para o idealismo absoluto, quando afirma a dependência da realidade e da consciência a um ser

transcendente.

Em torno do ser considerado em si mesmo, como a mais abstrata das noções, trava-se o mais considerável debate do jovem filósofo. Inspirado pela dialética do Parrênides de Platão, que terá estimulado o seu radicalismo lógico, Fernando Pessoa, "raciocinador analítico e minucioso", reflete sobre o não-ser que se pode pensar a partir do ser. Se poderos assim pensá-lo, é porque o "princípio da negatividade é o centro de nossa inteligência. Daí o princípio de contradição, que só pode existir quando uma coisa tem um contrário".<sup>15</sup> Clara aproximação à lógica de Hegel, depois transformada em divórcio. Como se vê da conclusão a respeito de Deus no Conto de Pero de Botelho, "O Vencedor do Tempo", não há acordo dialético entre o racional e a totalidade do real: "só Deus é que está acima do ser como do não-ser; superior à possibilidade de contradição; acima mesmo de lhe haver um não Deus oposto. Nem sei que isso se torna incompreensível, mas com a nossa limitação, não poderos senão chegar a esse apontar ridículo para uma porta fechada".<sup>16</sup>

O coleio da investigação erradia do poeta alcança sempre esta mesma porta fechada: o Transcendente inalcançável, que o pensamento concebe sem a possibilidade de conhecê-lo. "Deus não é nem positivo nem negativo, contrário a todas as coisas humanas, para além de todo conhecimento definido. Ele está no meio termo, o termo incognoscível de todas as "entidades". Com Ele turb é Presente; não há nem Passado nem Futuro; porque o Presente não tem nem negativo nem positivo, mas é o inexplicável meio (termo) entre o Passado e o Futuro. Uma vez que Deus nem é nem não é, é óbvio que Ele não pode ter negativo, porque o positivo e o negativo estão nas considerações humanas da vida e da não vida".<sup>17</sup>

Não é difícil identificar por esse corte entre Deus e o Ser, peculiar ao misticismo especulativo, a que se ligam os nomes de Dionísio Aeropagita e de Maister Eckhardt, o núcleo da teologia negativa. Como gênero de argumentação desse misticismo, o raciocínio anterior de Fernando Pessoa evolui até chegar ao paradoxo: "Se tentarmos obter um negativo para Deus não poderos encontrá-lo (a não ser na humanidade dualistas) porque se nos concebermos cada termo por si, o negativo do que não é nem não é, nós observamos nele que "nem não é nem é", não sendo mais que uma erbulhada gramatical, e a mesma coisa que o Próprio Deus. Por isso Deus é o seu próprio negativo; isto é, não tem negativo absolutamente nenhum".<sup>18</sup>

O paradoxo, como resposta do pensamento racional à contradição não resolvida, ponteia nessas sortidas teológicas, que já escapam aos limites da Metafísica sistematizada. Dir-se-ia que, assim colocada no ápice das conceituações mais extremadas, a Teologia é uma consunção da Metafísica como ciência do Ser, mas que essa ciência do Ser funda-se em verdades eternas intuídas diferentemente por vários sistemas. "É característico das verdades eternas que nós discutimos, que se nos apresentam como intuições em todos ou quase todos os sistemas; que são, por outras palavras, objetos de uma apreensão universal. A diferenciação é causada pelo raciocínio".<sup>19</sup>

Dá-se a diferenciação das construções do pensamento sistematizado porque "toda filosofia é um antropomorfismo".<sup>20</sup> A projeção do espírito humano, Fernando

Pessoa explicaria em A Nova Poesia Portuguesa no seu Aspecto Psicológico, conduz ao inevitável dualismo entre matéria e espírito; o próprio monismo é dualista na medida em que não pode evitar a oposição da realidade absoluta, "a realidade real" da substância, com a aparência ou a irrealidade de suas manifestações. A metafísica fracassa, portanto, ao reduzir, conforme tendência que lhe é inerente, todas as coisas à unidade. Mas foi esse fracasso que o poeta ofereceu como a superioridade do seu transcendentalismo panteísta formulado naquele artigo anteriormente citado, que a revista Água publicou em 1982. Esse transcendentalismo, dizia então Fernando Pessoa, "envolve e transcende todos os sistemas; matéria e espírito são para ele reais e ir-reais ao mesmo tempo, Deus e não Deus essencialmente... A suprema verdade que se pode dizer de uma coisa é que ela é e não é ao mesmo tempo".<sup>21</sup>

O radicalismo lógico que guiou esse construtor de esquemas analíticos e de fórmulas metafísicas sumárias desarticulou os monismos contraditórios da matéria e do espírito, conservando porém como verdade última a própria contradição em que implicam, e que aponta para o Transcendente, inalcançável pela via da experiência e do raciocínio. Mas desarticulava também o alcance epistemológico da noção de verdade.

Em certa passagem, a verdade nos é apresentada como "uma idéia ou sensação nossa não sabemos de que, um significado sem valor, como qualquer outra sensação nossa"<sup>22</sup>; já em outra, expressão do Paganismo Superior, ideologia heteronímica, extraídas das atitudes de Caetano e Ricardo Reis, identificou-se ao erro. Afirma-se alhures o caráter utilitário da ciência a serviço da vida, e ressalta-se, ao mesmo tempo, kantianamente, a possibilidade transcendental e a impossibilidade empírica da Metafísica: "Metafisicamente todos os conceitos são possíveis, ainda que envolvam contradição; pois que a metafísica improvável e inverificável determinadamente, se ocupa, não de tal existência, senão da existência em si, do ser considerado só como ser - e como da existência em si, nada sabemos de certo, ignoramos portanto poder admitir, que inclua, ou mesmo seja essencialmente, contradição ou negação de si, ou mesmo coisa nenhuma".<sup>23</sup> Enfim, provisório positivista, Fernando Pessoa aconselha, à maneira de Wittgenstein, num fragmento de 1906/1908: "Deveriam ser poupados esforços para exprimir o que é desconhecido. Pois, expressões e frases como Platão usa, se consideradas em relação com o desconhecimento, são inexpressivas, débeis e fracas. Se em relação a nós, é melhor não as usar porque elas são perfeitos disparates".<sup>24</sup>

Não é de se admirar que, por volta de 1916, Rafael Baldaia escreva um Tratado da Negação para dizer-nos que toda criação (e refere-se à criação do mundo) é ilusão. "Assim como a Matéria é uma ilusão providamente para o Pensamento; o Pensamento uma ilusão para a Intuição; a Intuição uma ilusão para a idéia Pura; a Idéia Pura é uma Ilusão para o Ser. E o Ser é essencialmente Ilusão e Falsidade. Deus é Mentira Suprema".<sup>25</sup>

Esse ficcionalismo à outrance, que diferente texto da mesma época do anterior chama de nihilismo transcendental, desenha o mosaico de uma teologia da ilusão transcendental ou ainda um transcendentalismo teológico da ilusão, no qual a temática do ocultismo - descoberta por Fernando Pessoa um ano depois do aparecimento

dos heterônimos - foi enxertada: "Há realmente todos os mundos que os teósofos afirmam. Mas eles estão dentro da ilusão, que, enquanto existe é a realidade"<sup>26</sup>. Os mundos superiores e diferentes do nosso que os teósofos afirmam existem porque são criados e não existem porque "tudo é criação e toda criação é ilusão"<sup>27</sup>. Não se pode levar mais longe o paradoxo convertido num paroxismo da inteligência negadora.

Só a consciência, identificada ao espírito em escrito de 1906, escaparia das malhas da ilusão universal. Mas uma consciência consciente de si própria não é pensável. "Se a consciência de cada indivíduo for consciente haverá uma consciência consciente de si própria, o que é absurdo, porque nada podemos afirmar da consciência senão que ela é consciente da matéria. A consciência ter consciência de si própria seria um tudo conter-se como tudo"<sup>28</sup>. Daí se considerar num momento a autoconsciência "a divisão do si mesmo em dois: sujeito e objeto" - um epifenômeno - e noutro, a verdadeira consciência como sendo universal<sup>29</sup>. Parece ser essa dupla verdade, com o Transcendente ilusório, vazio, o limite a que chegamos, ser que toma a forma de uma concepção metafísica definida, explícita, o exercício especulativo de Fernando Pessoa.

À luz da coletânea Textos Filosóficos é impossível reconstruir uma metafísica pessoana; pode-se, isto sim, constatar, diante dos variados esquemas e formulações contraditórias, a existência de um pensamento erradio, que inclui elementos teológicos, místicos e especificamente ocultistas, e que tende a fundir Religião e Metafísica tanto quanto, pela desmontagem a que submete os sistemas, pela redução da verdade ao erro, traduz uma espécie extenuada de cepticismo, suspensivo de todas as teses: "a certeza com que cada um pensa o que julga que pensa, convém opor a certeza com que se pode pensar o contrário, com que se consegue tornar lógico o absurdo..."<sup>30</sup>. Vertido no idioma de Álvaro de Campos, essa certeza do cepticismo corresponde ao paradoxo do verso:

"Sim, tudo é certo logo que não o seja"

A sabedoria estava alhures - no ocultismo, religião-filosofia para Fernando Pessoa, ou na arte, com a qual Antonio Mora identificou a Metafísica, para ele um modo de sentir as coisas, tão subjetiva, incerta e inútil na prática quanto a própria arte.

É relevante a coincidência, senão a sintonia, dessa transferência da Filosofia enquanto Metafísica do plano da ciência para o plano da arte, com a que realiza um contemporâneo de Fernando Pessoa, como Fernando Pessoa poeta sensibilizado

pela Filosofia a cuja prática conferiu o caráter de reflexão crítica voltada para a linguagem. Refiro-me a Paul Valéry - precisamente ao Paul Valéry dos Cahiers esse outro labirinto do pensamento. "Não se sabe ou não se quer saber, que a filosofia (é) (seja) uma arte como a dança e a música", escreve o poeta francês<sup>31</sup>. Álvaro de Campos, glosando idéia semelhante de Fernando Pessoa no artigo de apresentação da revista Athena, propôs "substituir a filosofia por filosofias, isto é, mudar de metafísica como de camisa substituindo à procura da verdade a metafísica procura da emoção e do interesse"<sup>32</sup>. A liberdade na construção conceptual em que isso implicaria, liberdade que aproxima a Filosofia da arte, foi assinalada por Valéry na continuação do parágrafo dos Carnets anteriormente citado: "Por sinal, tendo caído nas mãos dos professores ou dirigida por fins políticos ou religiosos, ela (a Filosofia) teve obscurecido o seu caráter essencial de arte, quer dizer o ato essencialmente livre na confecção de um objeto sensível ou inteligível, e entendo por livre - aqui - o arbitrariamente determinado". Álvaro de Campos entendia, rejeitando a Metafísica, para ele ciência virtual como a sociologia, que poderíamos aproveitá-la artisticamente, do mesmo modo que as outras ciências virtuais; consistiria esse aproveitamento na confecção ou no arranjo de "sistema do universo coerentes e engraçados, mas sem lhes ligar intenção alguma de verdade, exatamente como em arte se descreve e expõe uma erroção interessante, sem se considerar se corresponde ou não a uma verdade objetiva de qualquer espécie"<sup>33</sup>. O que faz o filósofo, arranjando ou confeccionando esses sistemas do universo, senão criar, e o que faz, criando-os, senão mentir, a criação como mentira e a mentira como fingimento, para usarmos esse vocábulo privilegiado - fingimento - dos poemas de Fernando Pessoa, e que neles conserva a arbiguidade etimológica do  fingere  latino, com o duplo significado de formar, modelar, construir e de disfarçar e simular? Para Valéry, também, o "dom, a faculdade interrogante do filósofo," corresponde quanto ao gênero de respostas que provocam, a uma arte de fingir (art de feindre)". - Fingir a dúvida, fingir o universo, fingir uma ordem de pensamento, fingir Deus, fingir pensar aquele que pensa. São poderes análogos aos do poeta e do pintor"<sup>34</sup>.

O fingimento de Fernando Pessoa poderia então ser compreendido, tanto na poesia quanto na Filosofia, menos como uma atitude passiva de dissimulação do que como o ato eminentemente lúdico de criar, pela distanciação dos sentimentos pessoais, racionalizando a emoção metafísica do abstrato como abstrato, o sentido que as coisas ilusórias não têm. Tal como para o Nietzsche de A Origem da Tragédia, o caráter pavoroso e problemático da existência (furchtbaren Charakter des Daseins), convertido em sucessão de aparências, impunha ao poeta português a necessidade da mentira artística.

Mas essa tese, muito geral que adotei, não tornava mais compreensível a poesia de Fernando Pessoa; fundamentava-se na conjectura, que creio haver desfeito anteriormente, da existência de uma Metafísica pessoana. Porém o pressuposto da mesma conjectura, a idéia preconcebida de que a Filosofia pudesse trazer a chave da criação poética, continuava em pé. Se isso fôsse verdadeiro, haveria passagem conceptual, contrariando a bem firmada posição de Dilthey, do filosófico para o poético<sup>35</sup>. Espécies diferentes de visões-do-mundo, conformadas a distintos usos da linguagem, poesia

e filosofia são domínios isolados embora vizinhos, que se transformam mutuamente quando se aliam.

A grande poesia e a filosofia sempre entretiveram, no plano das formas históricas do pensamento e da sensibilidade de uma época, relações recíprocas fecundas. Entretanto, a relevância filosófica de uma obra poética não decorre do simples fato de que veicule, incorpore ou configure uma dada Filosofia. A poesia filosófica, que resulta de serrelhante enlace, pertence quase sempre à espécie de monstro de duas cabeças, do qual nos fala Eduardo Lourenço, "cujo único sentido é o de querer dizer que a matéria do poema é constituída por filosofemas ou aparências de filosofia.." <sup>36</sup>. Em contrapartida, pode a poesia ser filosoficamente relevante como poesia, na medida da força desencobridora e desocultante das palavras, capaz de revelar-nos aspectos não manifestos do Ser, através daquilo que Warren Shibles chama de "significado cantante" <sup>37</sup>. Assim colocando a questão numa perspectiva heideggeriana, teremos que escutar a poesia de Fernando Pessoa para saber o que ele nos diz.

Ora, essa escuta lograria algum resultado se feita ao nível do lugar onde se manifestam as transformações, as metamorfoses do sujeito lírico: o subsolo comum aos heterônimos, a que o mesmo Eduardo Lourenço se refere como totalidade rompida <sup>38</sup>, estilhaçada, na origem da despersonalização e das personificações - totalidade por isso mesmo irrecontituível, mas para a qual aponta, em cada uma das figuras que gerou, o movimento subversor, a transmigração poética que faz de Caetano um obcecado da exterioridade, de Ricardo Reis um pagão da decadência e de Álvaro de Campos "um doído e frio".

No Livro do Desassossego, obra inacabada, que nos obriga, consoante observou Jacinto do Prado Coelho, a uma leitura intertextual, contraponto que é das vozes familiares dos heterônimos, surge, repetidas vezes, a indicação do ponto fulcral do estilhaçamento daquela totalidade. "Meu Deus, meu Deus, a quem assisto? Quantos sou? Que é eu? O que é este intervalo que há entre mim e mim?" <sup>39</sup>. Nenhum outro trecho do diário confessional de Bernardo Soares revela tão agudamente quanto esse a problematização do Ego, por onde se efetuaram as transmigrações poéticas pessoais, persona a cindir-se em personalidades. O intervalo entre mim e mim não é somente o intervalo do Cogito entre a consciêccia espontânea e a consciêccia reflexiva, entre sentir e pensar; assinala a irrecobrável distância que separa a consciência de ser do ser da consciêccia, para empregarmos a conhecida terminologia sartreana. Não posso ser algo senão como sujeito abstrato, como persona, máscara social e cultural correlativa ao papel ou aos papéis que desempenho no conjunto de minhas relações com os outros. Mas o que sou em mim mesmo é sempre aquilo que já fui ou aquilo em que posso tornar-me, um poder-ser, um ser não inteiramente passado, aberto ao futuro "De toute part j'échappe à l'être et pourtant je suis", exclama Sartre em L'Être et le Neant <sup>40</sup>. O intervalo é a distância ontológica, o escapamento contínuo de mim para mim, acusando a insinuante presença da Nada.

Não é novidade para os leitores de Fernando Pessoa, a extraordinária recorrência da expressão do sentimento de irrealidade, de não ser, de fracasso, de

introspecção falhada, que se associa ao sonho, em inúmeros poemas considerados ortônimos:

Lembro-me ou não? Ou sonhei?  
Flui como um rio o que sinto  
Sou já quem nunca serei  
Na certeza em que me minto<sup>41</sup>

Nada que sou eu serei  
Sonho, e só existe em meu ser,  
Só que não o hei de ter.<sup>42</sup>

Outros versos aproximam a consciência de si do esquecimento e o pensar do sonho e do sono:

Ser consciente é talvez um esquecimento.  
Talvez pensar um sonho seja, um sono.  
Talvez dormir seja, um momento,  
Voltar o espírito a ser seu dono.<sup>43</sup>

Álvaro de Campos tenta recobrar a consciência do presente, do que se tornou passado, e assombram-no do passado os possíveis irrealizados:

Quanto fui, quanto não fui, tudo isso sou.  
Quanto quis, quanto não quis, tudo isso me forma.  
Quanto amei ou deixei de amar é a mesma saudade em mim.<sup>44</sup>

E o mesmo Álvaro de Campos, no vórtice da introspecção falhada, identifica-se ao intervalo - chamado por Bernardo Soares de entreser - separando o Eu projetivo, imaginado, do Eu exteriorizado, que o relacionamento com os outros fixou:

Correça a conhecer-me. Não existo.  
Sou o intervalo entre o que desejo ser e os outros me fizeram,  
Ou a metade desse intervalo, porque também há vida...<sup>45</sup>

Essa problematização do Ego está ligada ao tema do fingimento, como modo de autoconhecimento, de conhecimento do mundo e de criação poética. Fingir é co-

nhecer-se, e conhecer-se é a consciência de ser aquilo que não se é e de não ser aquilo que se é. Conhecer fingindo é figurar possíveis modos de existir, nem completamente reais nem completamente irreais - mundo possíveis da imaginação, como aqueles que para a Teosofia são verdadeiros. Na carta a Adolfo Casaes Monteiro em continuação à carta sobre os heterônimos, Fernando Pessoa, explicando-se como poeta dramaturgo, relaciona, conforme se sabe, as suas mudanças de personalidade com a capacidade de criar "novos tipos de fingir que compreendo o mundo, ou antes, de fingir que se pode compreendê-lo"<sup>46</sup>. A poética do fingimento teria tido então a sua possibilidade existencial no intervalo entre mim e mim - de que o imaginário é a projeção - no contínuo escapamento do sujeito ao Ego, no desdobrar-se da consciência de si num si mesmo e num ser outro. Através desse escapamento e desse desdobramento, o trabalho da imaginação operaria segundo a preferência particular dos dados singulares, quer de natureza literária, que de natureza pulsional, conformadores da situação do poeta no mundo. Muitos outros já trataram do enredo do desejo que presidiu às formações da lírica dramática de Fernando Pessoa. Se esse enredo é uma das origens do estilhecimento de que antes falei, não é certamente, como o sabem Eduardo Lourenço e Leyla Perrone Moisés<sup>47</sup>, que o estudaram, o sentido poético da obra heteronímica.

Sem reduzir-se a nenhum dos atos do "drama em gente", esse sentimento passa pela mentira de um mundo plano, raso, de plena transparência (transparência sem aparência), para um Eu descentrado, em Alberto Caeiro; passa igualmente pela simulação em Ricardo Reis de um modo de significação obscura para o Eu ciente de sua dependência ao Outro impessoal e transcendente; e passa, ainda, pela difícil invenção da realidade vertiginosa para o Eu múltiplo de Álvaro de Campos, o heterônimo mais próximo de nossa humanidade. Joga-se, afinal, nesse grande drama simulado, com a condição humana; os lances do jogo pessoano entreabrem pelas frestas do sujeito dividido, as marcas ontológicas da finitude: a diferença entre ser e estar, entre o que temos e aquilo que somos, entre o proprius e o alter, o Eu e o Outro. Pelas mesmas frestas do sujeito, sopraria, "ainda que como um vento uma noção da gravidade e do mistério da vida", que Fernando Pessoa, na carta a Cortes Rodrigues, de 19.01.1915, exclui do rol das coisas insinceras, "feitas para fazer pasmar..."

No Primeiro Fausto inconcluso, anti-goetheano, do poeta português, esse sopro metafísico, violentamente desencadeado, despe Fernando Pessoa de seus múltiplos disfarces, para deixá-lo só, diante do Mistério:

Mais que a existência  
É um mistério o existir, o ser, o haver  
Um ser, uma existência, um existir -  
Um qualquer, que não este por ser este -  
Este é o problema que perturba mais.  
O que é existir - não nós ou o mundo -  
Mas existir em si?<sup>48</sup>

De novo fala-nos uma voz anônima, como nos Sonetos Ingleses, voz de ninguém, na qual a entonação de Álvaro de Campos se funde:

Ah, perante esta única realidade, que é o mistério,  
Perante esta única realidade terrível - a de haver uma realidade,  
Perante este horrível ser que é haver ser,  
Perante este abismo de existir um abismo,  
Este abismo de a existência de tudo ser um abismo,  
Ser um abismo por simplesmente ser,  
Por poder ser,  
Por haver ser!<sup>49</sup>

Não é mais o Transcendente das notas filosóficas de juventude o ser com que o poeta se defronta agora. Na emoção que se cristaliza nesses versos, diferente da emoção do abstrato como abstrato, essência do sentimento metafísico para Álvaro de Campos, perspassa a desolação do sagrado, pois que é íntimo, horroroso, desolado, o mistério entrevisto, segundo o fragmento XXIII do Primeiro Fausto.

Para Heidegger, o pensador diz o ser e o poeta nomeia o sagrado. Fernando Pessoa, que pensou poetizando e poetizou pensando, teve a ambos, o ser e o sagrado, no horizonte da criação poética, até onde pôde alcançá-los sua visão estarecida diante do desdobramento de si mesmo a que assistiu.

A partir daqui não mais serei capaz de orientar-me "no quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas". Mas, pelo menos aprendi, ao cabo dessa trajetória, a deixar-me levar, sem pretender esconjurá-las, por essas reflexões falsas, de muitas das quais este escrito representa um lampejo esmaecido - uma personagem, imagem pessoal e pessoana.

#### NOTAS

1. "Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos..." - Fernando Pessoa, Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, pag. 93. Edição Atica, Lisboa.
2. Tradução de José Blanc de Portugal. 35 Sonetos, poemas Ingleses de Fernando Pessoa, pags. 156/7, Edição Atica, Lisboa, 1974.
3. Tradução de Jorge de Sena. 35 Sonetos, poemas Ingleses de Fernando Pessoa, pag. 165, Ed. cit.

4. Tradução de Adolfo Casais Monteiro e Jorge de Sena, Op. cit. pag. 183.
5. Alberto Caeiro. Ficções do Interlúdio, Fernando Pessoa, Obra Poética, pag. 154, Editora José Aguilar Ltda. Rio, 1960.
6. Alberto Caeiro. Ficções do Interlúdio, Fernando Pessoa, Op. cit. pag. 148.
7. Alberto Caeiro. Ficções do Interlúdio, Op. cit. pag. 174.
8. Alberto Caeiro. Op. cit. pag. 148.
9. Alberto Caeiro. Op. cit. pag. 180.
10. Ricardo Reis. Ficções do Interlúdio. Fernando Pessoa, Obra Poética, pag. 204, ed. cit.
11. As citações dos poemas de Álvaro de Campos, a seguir, pela mesma edição já referida da obra poética.
12. Poesias coligidas - Inéditos, op. cit. pag. 534.
13. Álvaro de Campos, Ambiente, Páginas de Doutrina Estética (seleção, prefácio e notas de Jorge de Sena), pag. 167/169, Editorial Inquérito Ltda. Lisboa, 1946.
14. Fernando Pessoa, Textos Filosóficos, (estabelecidos e prefaciados por Antonio de Pina Coelho), 2 vols. Edições Atica, 1968.
15. Op. cit. 2º vol. pag. 91.
16. Op. cit. 2º vol. pag. 257.
17. Op. cit. 2º vol. pag. 150.
18. Op. cit. 2º vol. pag. 150.
19. Op. cit. 1º vol. pag. 224.
20. "Toda a filosofia é um antropomorfismo. O erro fundamental é admitir como real a alma do indivíduo, o erigir a consciência do indivíduo em consciência absoluta e a Realidade em individualidade. Individuar a Realidade - eis o primeiro grande erro. Individuar a Consciência - eis o segundo grande erro". Op. cit. 1º vol. pag. 33.

21. A nova Poesia Portuguesa no seu aspecto psicológico, Fernando Pessoa. Obras em Prosa (Organização introdução e notas de Cleonice Berardinelli) pag. 393. Companhia José Aguilar Editora, Rio, 1974.
22. Fernando Pessoa, Textos Filosóficos, 2º vol. pag. 220, ed. cit.
23. Op. cit. 2º vol. pag. 35.
24. Op. cit. 2º vol. pag. 235.
25. Op. cit. 1º vol. pag. 42.
26. Op. cit. 1º vol. pag. 44.
27. Op. cit. 1º vol. pag. 44.
28. Op. cit. 2º vol. pag. 185.
29. Op. cit. 2º vol. pag. 189.
30. Op. cit. 1º vol. pag. 4.
31. Paul Valery, Cahiers I (edition établie, présentée e annotée par Judith Robinson) pag. 586. Bibliothèque de la Peiade, Gallimard, 1973.
32. Álvaro de Campos, O que é Metafísica? Fernando Pessoa, Páginas de Doutrina Estética, (Seleção, prefácio e notas de Jorge de Sena) pag. 139, ed. cit.
33. Idem, op. cit. pag. 140.
34. Valery, Cahiers, pag. 636, ed. cit.
35. Dilthey, Teoria de la concepcion del mundo, pag. 199. Obras de Wilhelm Dilthey, VIII, Fondo de Cultura, Mexico, 1959.
36. Eduardo Lourenço, Le Destin d'Antero. de Quental, Poesie - Révolution - Sainteté, Paris, 1971, pag. 45/46, C. José Augusto Seabra Fernando Pessoa ou o Poetodrama, pag. 43, Ed. Perspectiva, São Paulo, 1974.
37. Waren Shibles, Poesia e Filosofia, Wittgenstein, Linguagem e Filosofia, pag. 21, Editora Cultrix, S. Paulo, 1974.

38. Eduardo Lourenço, Pessoa Revisitado (Leitura estruturante do drama em gente) pag. 30, Editorial Inova, Porto, 1973.
39. Fernando Pessoa, Livro do Desassossego por Bernardo Soares (Recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha, Prefácio e organização de Jacinto do Prado Coelho). Pag. 25, Ed. Ática, Lisboa 1982.
40. Sartre, L'Être et le Néant Essai d'ontologie phénoménologique, pag. 100, Gallimard, Paris, 1943.
41. Fernando Pessoa, Inéditos, Obra Poética, pag. 542/543, ed. cit.
42. Idem, pag. 548, ed. cit.
43. Idem, pag. 551, ed. cit.
44. Álvaro de Campos, Ficções do Interlúdio, Fernando Pessoa, Obra Poética, pag. 349, ed. cit.
45. Idem, pag. 382, ed. cit.
46. Páginas de Doutrina Estética, Fernando Pessoa, pag. 275, ed. cit.
47. Vide Leyla Perrone-Moisés, Fernando Pessoa Aquém do eu, além do outro, Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1982.
48. Fernando Pessoa, Primeiro Fausto, Obra Poética, pag. 431, ed. cit.
49. Álvaro de Campos, Ficções do Interlúdio, Fernando Pessoa, Obra Poética, pag. 370 ed. cit.